

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

QUAIS TEORIAS DO JORNALISMO? UMA ANÁLISE DE EMENTAS DA DISCIPLINA NA GRADUAÇÃO

Jéssica Gradin; jegradin@gmail.com

Guilherme de Carvalho; guilhermedecarvalho@gmail.com

RESUMO

A pesquisa que se apresenta propõe como questão central analisar quais saberes e conteúdos tem sido mobilizados nas disciplinas de Teorias do Jornalismo de 25 instituições do território nacional, através de uma análise da caráter documental das ementas, bibliografias e matrizes curriculares destas disciplinas. Neste sentido, interessa conhecer melhor a oferta das unidades curriculares que tratam de Teorias do Jornalismo, a fim de entender se a disciplina reflete o que é teoria do jornalismo e se ela está adequada ao que propõe a bibliografia. Para isso, recorre-se à Análise de Conteúdo sobre o os documentos selecionados. Como resultados, pôde-se aferir que há tendências de se valorizar estudos específicos sobre o Jornalismo por meio da oferta das disciplinas de Teorias de Jornalismo nos curso de graduação, e não apenas apresentá-los junto aos estudos teóricos da Comunicação, apesar da carga horária pouco representativa das disciplinas. Porém, 56% dos cursos não citam quais teorias são estudadas ou citam de forma genérica.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Teorias do Jornalismo. Ensino do Jornalismo. Campo. Disciplina.

1. INTRODUÇÃO

Há pouco mais de 70 anos, o Jornalismo se institucionalizava no campo universitário brasileiro com a criação do primeiro curso superior, em 1947¹, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo. O reconhecimento do Jornalismo como curso superior nas instituições de ensino brasileiras é considerado uma conquista tardia se comparado ao processo de criação dos primeiros cursos superiores em Jornalismo na Europa e nos Estados Unidos², no século XIX (MELO, 2009).

¹ As primeiras experiências nesta área foram realizadas nos Estados Unidos da América, em 1869. Na França, em 1899 já surgia a primeira Escola Superior de Jornalismo (FERENCZI, 1996 apud SOBREIRA, 2003).

² Traquina (2005), identifica as origens do campo científico do jornalismo anterior ao surgimento a cursos de pós-graduação na área, a partir da década de 1930, nos Estados Unidos.

Mais tardia ainda é a incorporação das temáticas relacionadas às teorias do jornalismo. Base da formação teórica dos jornalistas, as teorias são, também, a justificativa para a defesa de um campo científico próprio, formado por teorias que explicam a realidade da atividade profissional, oferecendo modos de conhecimento que possibilitam a construção de relações entre teoria e prática, capazes de fornecer novos elementos para o desenvolvimento da área.

No Brasil a incorporação dos debates que envolvem teorias do jornalismo teve início na década de 1990 e, principalmente, no início dos anos 2000. Segundo Pontes (2015), a origem da incorporação da disciplina tem forte relação com regiões específicas do país, como o estado de Santa Catarina, por meio de iniciativas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e por professores de graduação e pós-graduação de universidades como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) (PONTES, 2015).

Historicamente como uma “disciplina acidental”, que surgiu mais de 10 anos depois da institucionalização do primeiro curso de Jornalismo no país, sem uma articulação didático-pedagógica e de referências para a sua consolidação (PONTES, 2015, p.246), além da falta de bibliografia específica para a estruturação da disciplina, o ensino das Teorias do Jornalismo se caracterizaram pelo uso da literatura estrangeira (PONTES, 2015).

Para completar o cenário de complexidades, existe a carência de trabalhos acadêmicos que se concentrem sobre o ensino de teorias do jornalismo no Brasil. Uma rápida pesquisa em bases de dados científicas nacionais torna mais aguda a carência de trabalhos com esse escopo, embora seja perceptível, nos últimos anos, um intenso processo de institucionalização do ensino e da pesquisa em jornalismo no país, com a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) em 2013, o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (iniciado em 1994), a criação da Associação Brasileira de Ensino em Jornalismo (ABEJ), em 1995³, a criação do Fórum Nacional de Professores em Jornalismo (FNPJ), em 1994, a criação da Sociedade Brasileira de

³ Disponível em: <https://abejor.org.br/institucional/> Acesso em: 16.jun.2023.

Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), em 2003⁴, a adoção de linhas e grupos de pesquisa específicos nos programas de pós-graduação em Comunicação Social e nos de Jornalismo, e de fóruns de pesquisa específicos de discussão. Ainda assim, são poucas as obras brasileiras especializadas em Teorias do Jornalismo.

Nesse contexto, a pesquisa que se apresenta propõe como questão central analisar quais saberes e conteúdos têm sido mobilizados nas disciplinas de Teorias do Jornalismo de 25 instituições do território nacional, a partir de uma análise de caráter documental das ementas destas disciplinas e matrizes curriculares dos cursos. Neste sentido, interessa conhecer melhor a oferta das unidades curriculares que tratam de Teorias do Jornalismo, a fim de entender se a disciplina reflete o que é teoria do jornalismo e se ela está adequada ao que propõe a bibliografia. A partir deste problema, busca-se perceber qual Jornalismo emerge de um conjunto de cunho mais acadêmico considerado “oficialmente” basilar para as instituições.

A hipótese levantada é que ainda existe muita influência de outras teorias, como as da Comunicação na disciplina, priorizando conceitos pertinentes a este outro campo de conhecimento. Outra hipótese é que os programas das disciplinas ainda são insuficientes para tratar de teorias do jornalismo, com uma carga horária pouco representativa e ementas genéricas.

Tendo em vista que as matrizes curriculares, as ementas e as bibliografias das disciplinas são instrumentos de planejamento, podem, muitas vezes, se descolar das realidades aulas, porém, esses documentos são sinalizadores de estratégias de ensino, de práticas educacionais e de políticas formativas. Por isso, mesmo que haja distância entre o previsto nesses documentos e o que acontece na rotina escolar, as matrizes curriculares dos cursos e os planos de ensino da disciplina de Teorias do Jornalismo são indicadores oficiais que permitem uma compreensão senão completa, ao menos em partes da realidade.

2. METODOLOGIA

⁴ Disponível em: <https://site.sbpjor.org.br/institucional/> Acesso em: 16.jun.2023.

Inicialmente, o procedimento adotado foi a pesquisa bibliográfica, para a leitura e identificação das teorias mais citadas nas obras dos autores mais referenciados nas bibliografias dos 25 cursos analisados. Outro procedimento adotado foi a Análise de Conteúdo sistematizada por Bardin (1977) para a análise das ementas da disciplina de Teoria do Jornalismo do recorte dos 25 cursos ao nível de Graduação no Brasil.

Para responder à questão central da presente pesquisa, foram formulados dois grupos de análise. O procedimento corresponde à Análise de Conteúdo das ementas das disciplinas de Teorias do Jornalismo que pretendeu identificar quais teorias e os principais conceitos estudados nas disciplinas e se o que está no texto das ementas corresponde ao que se é entendido por teoria do jornalismo.

Um segundo grupo de documentos analisados compreende o conjunto de matrizes curriculares do *corpus* dos 25 cursos. Realizou-se uma análise descritiva de conteúdo, a fim de identificar de que forma a disciplina de Teorias do Jornalismo é apresentada pelo curso, observando em quais períodos ela aparece na graduação, o tempo dedicado ao estudo da disciplina e se é ofertada em mais de um momento na matriz curricular do curso.

A seleção do *corpus* se deu por meio da busca dos cursos de Ensino Superior em Jornalismo fornecidos pelo banco de dados do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior⁵, sendo a base de dados oficial dos cursos e Instituições de Educação Superior (IES), reconhecidos pelo Ministério da Educação. A análise restringiu-se aos cursos ali mencionados e eventuais omissões devem ser atribuídas ao sistema do ministério.

Para se ter uma dimensão nacional do ensino da área, optou-se pela formulação de uma tabela com as informações de todos os cursos de Jornalismo em atividade, conforme as informações fornecidas pelo Cadastro do e-MEC. Foram utilizados os recursos de busca fornecidos pela plataforma, por meio da aba “Consulta Avançada”, considerando o Curso de Graduação em Jornalismo do País. Como palavras-chave no campo “cursos”, foram considerados os cursos de Jornalismo.

⁵ Cadastro e-MEC é regulamentado pela Portaria Normativa nº 21, de 21/12/2017.

A pesquisa de busca avançada do e-MEC, realizada no primeiro semestre de 2021, apresenta 439 cursos de Jornalismo, Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, Jornalismo Digital (2), Jornalismo Multimeios (2) e Gestão em Jornalismo (1) localizados através do filtro “em atividade” que a plataforma oferece. Os últimos são cursos pertencentes à Universidade Católica de Brasília, Centro Universitário Leonardo Da Vinci, Universidade do Estado da Bahia e Faculdade de Colider, respectivamente.

A esta planilha aplicou-se o filtro “em atividade”, e “iniciados”, o que reduziu para 371 o quantitativo de cursos. Durante o processo de levantamento de dados, percebeu-se também algumas inconsistências entre as informações fornecidas pelo e-MEC e as reais datas de funcionamento dos cursos. As datas que constavam na plataforma eram de cadastro, ou seja, quando os cursos migraram de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, para Bacharelado em Jornalismo, gerando duplicações. Não encontramos uma forma segura de encontrar as reais datas de início dos cursos, a não ser se fossem coletadas de forma manual através de pesquisas. A escolha para essa pesquisa foi manter a listagem de cursos com as duplicações fornecidos pelo e-MEC, já que não irá influenciar na coleta de dados e nos resultados finais de análise.

A coleta das matrizes curriculares, e dos projetos pedagógicos dos cursos se deu junto às páginas eletrônicas de cada curso e, quando necessário, mediante o contato via e-mail junto aos endereços oficiais de cada curso. Nos casos em que as informações de contato necessárias não estavam disponíveis nos sites oficiais, recorreu-se ao contato de coordenadores dos cursos ou professores/coordenadores para a solicitação dos documentos para análise.

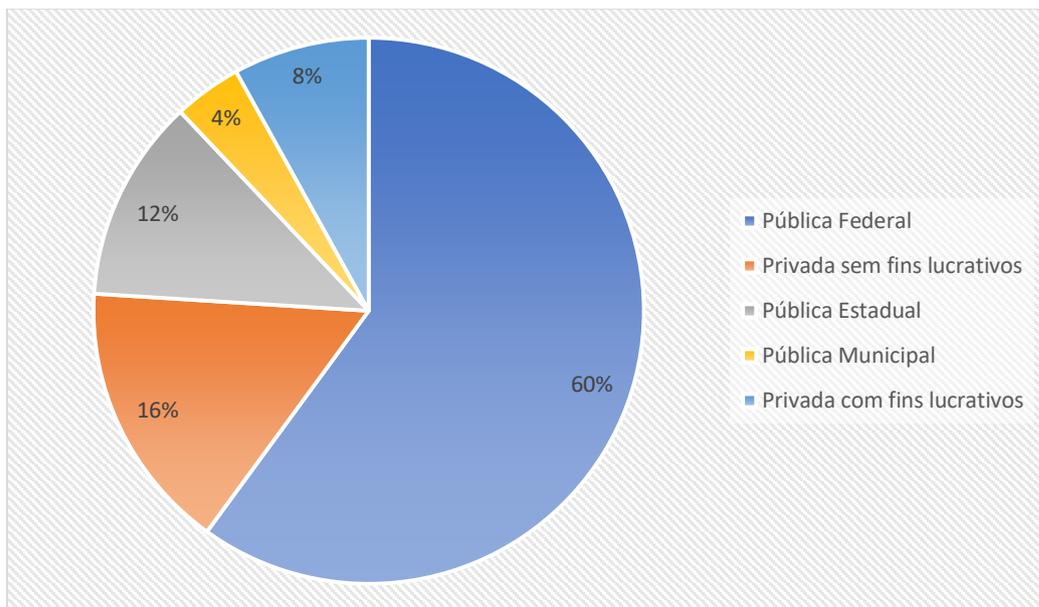
A seleção do *corpus* se deu a partir da disponibilidade dos documentos em sites oficiais dos cursos ou através da disponibilização via solicitação por e-mail, ou seja, foram analisados todas as instituições que estivessem com os documentos disponibilizados para a análise. De 371 instituições em atividade no país, de primeiro momento 40 delas tinham seus documentos (matrizes curriculares e projetos pedagógicos) ou disponíveis nos sites, ou via e-mail. Porém, apenas 25 continham as informações mínimas necessárias para a presente análise, como a disponibilização das

ementas e bibliografias da disciplina. Compilados, os documentos foram lidos e deles extraídos dados que pudessem compor tabelas para melhor interpretação da presença e da natureza da disciplina em questão.

O corpus contempla a Universidade Vale do Rio Doce (Univale); Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Universidade Federal de Viçosa (UFV); Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal do Piauí (UFPI); Universidade Federal de Sergipe (UFS); Faculdades Integradas de Fernandópolis (FIFE); Uninter, Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Universidade de Brasília (UnB); Faculdade Boas Novas (FBNCTSB); Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA); Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade Regional de Blumenau (FURB); Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

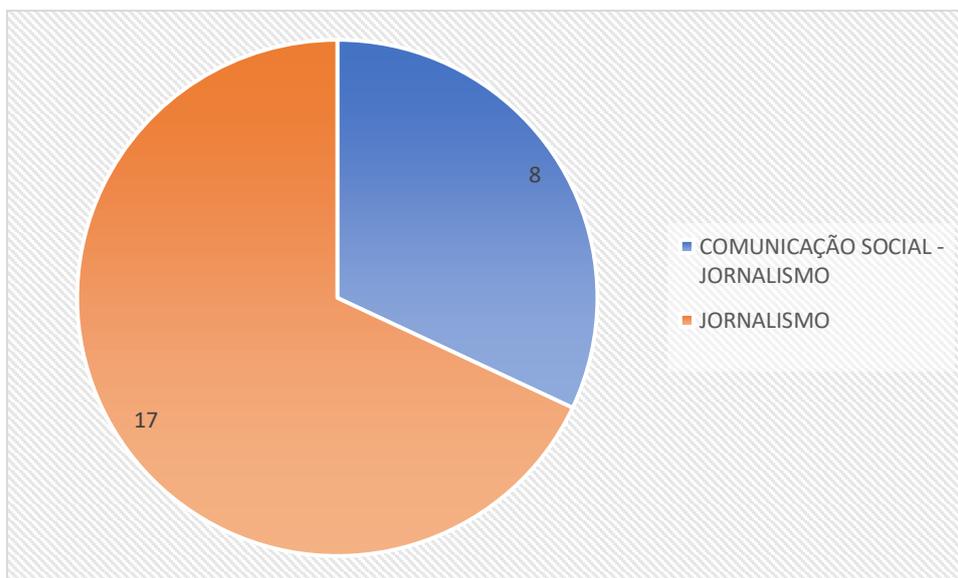
A amostra é composta por cursos em 16 estados, de todas as regiões. Trata-se de cursos instalados em faculdades públicas federais (60%), privadas sem fins lucrativos (16%); estaduais (12%); municipais (4%) e privadas com fins lucrativos (8%). As universidades presenciais correspondem 92% da amostra assim como curso nominados de Jornalismo representando 68% da amostra.

GRÁFICO 1- Categoria Administrativa do corpus selecionado



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados do e-MEC.

GRÁFICO 2- Nomenclatura dos cursos selecionados



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados do e-MEC.

As informações extraídas dos documentos institucionais sinalizam alguns elementos que indicam pistas que servirão de ponto de análise para entender qual

jornalismo emerge desses documentos. Note-se que isso não é o mesmo que dizer que teremos adiante um perfil de como as disciplinas de Teorias do Jornalismo são ensinadas nos cursos de graduação, pois, para fazê-lo, seria ainda necessário adicionar informações de estratégias de ensino, metodologias, tecnologias e pedagogias adotadas. No entanto, os resultados a seguir apontam como esses conteúdos são visíveis em matrizes curriculares, quando são ofertados, com qual duração e quais são as principais teorias abordadas nas disciplinas.

Os documentos compõem uma fonte importante de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam, ainda, uma fonte “natural” de informação, segundo Lüdke e André (1986, p. 38). Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. Uma vantagem adicional dos documentos é o seu custo, em geral baixo. Seu uso requer apenas investimento de tempo e atenção por parte do pesquisador para selecionar e analisar os mais relevantes (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

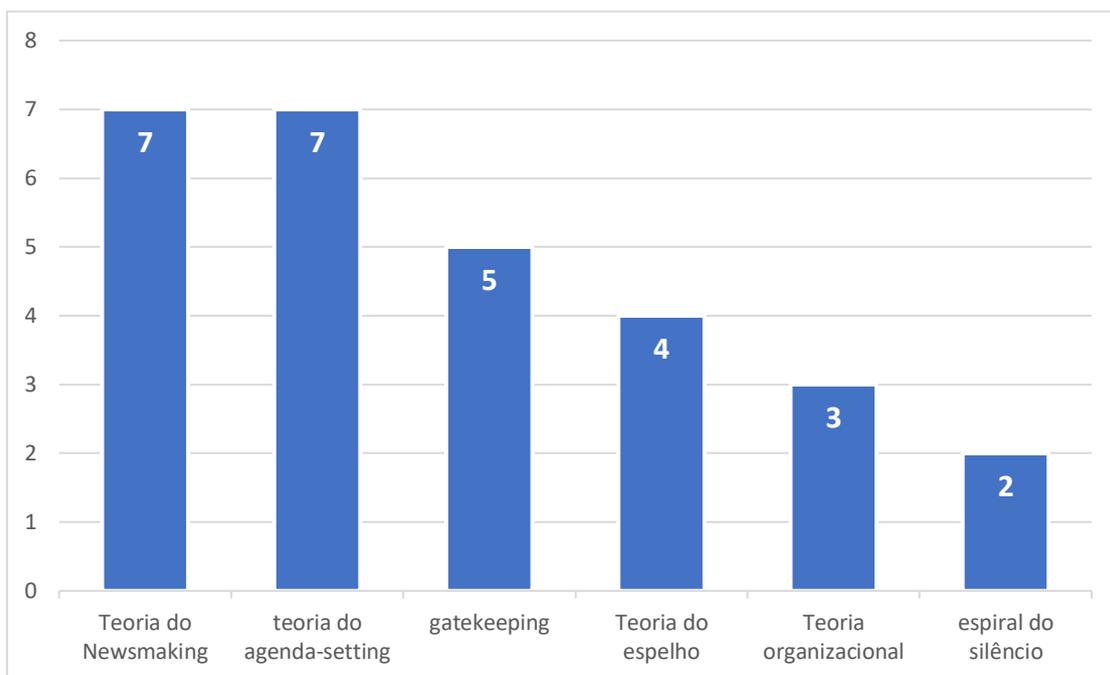
3. RESULTADOS

A disciplina de Teorias do Jornalismo representa pouco comparada a carga horária total dos cursos, cerca de 2% a 3%, representando uma média de 2,21%. Uma média de 68 horas para uma carga horária de 3.100 horas. É possível que temas relacionados a teorias do jornalismo sejam trabalhados transversalmente, aparecendo eventualmente em outras disciplinas ou em atividades que envolvem reflexão teórica. Mas as condições evidenciadas nesta pesquisa apontam para um ensino de Teoria do Jornalismo pouco aparente dentro das matrizes curriculares e com uma carga horária pouco representativa.

Como resultado encontrado, percebeu-se que das 25 instituições, 14 delas não fazem menção as teorias ou abordam de forma genérica. Ou seja, 56% dos cursos de jornalismo não especificam quais teorias do jornalismo são discutidas na disciplina, ou citam de forma genérica que tal disciplina aborda as “principais teorias do jornalismo”.

Com relação às teorias mais citadas nas ementas dos programas da disciplina, verifica-se uma predominância. O levantamento aponta que a Teoria do *Newsmaking* e a Teoria do *Agenda-Setting* são as mais recorrentes. Na análise, os autores como Pena (2008), Souza (1999) e Traquina (1999a, 2001, 2005) classificam o *newsmaking* entre as teorias do jornalismo, e não como Teoria da Comunicação, como o faz Wolf (1994). Traquina (2001), inclusive, enquadra as ideias de Tuchman como teoria etnoconstrucionista⁶.

GRÁFICO 3 - Teorias mais citadas nas ementas



Fonte: Ementas das disciplinas de Teorias do Jornalismo do *corpus* selecionado.

A Teoria do *Newsmaking* tem como principais difusores, Nelson Traquina (2005), Mauro Wolf (2009) e principalmente Gaye Tuchman (1983). E ao observar as bibliografias das disciplinas vê-se a presença de alguns desses autores como os mais

⁶ Para a teoria etnoconstrucionista, a notícia é uma construção da cultura profissional dos jornalistas, por meio do processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (acontecimentos) em um produto (as notícias) (TRAQUINA, 2001).

referenciados, como Traquina e Wolf, porém ao analisar a presença de Tuchman, não a observamos entre os autores mais referenciados, apesar de citada recorrentemente nas obras.

Nos textos das ementas nenhuma instituição considerou o *Newsmaking* como “hipótese”, a palavra *Newsmaking* foi relacionada com teoria ou apareceu sozinha na citação das respectivas teorias. Porém, essa teoria não aparece dentre as mais citadas pelos autores analisados anteriormente.

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa (2000) aponta que esta teoria pode ser considerada uma teoria geral da notícia, portanto, aplicada em qualquer meio produtor de jornalismo, sem esquecer, contudo, de que cada veículo traz uma rotina diferente (LAGE, 2006; PENA, 2008). Isso talvez explique o fato da teoria ser uma das mais citadas entre as disciplinas de Teoria do Jornalismo dos cursos de graduação do país, por ser aplicável a qualquer meio produtor de jornalismo e que pode ser estudada, portando, sendo aplicada a vários exemplos e realidades em aula.

O *Agenda-Setting* é designado como teoria, hipótese, linha de pesquisas, metodologia, conceito ou conceito guarda-chuva. Além disso, Traquina (2000) traduz o “*Agenda-Setting*” por “agendamento”. Outras tradições de pesquisas acrescentam palavras diferente ao termo “agenda”, como por exemplo “*agenda-building*” (NISBET, 2008) para descrever e analisar um fenômeno distinto do *Agenda-Setting*. Nesta análise, o *Agenda-Setting* apareceu ligada a palavras como “hipótese”, “Teoria do Agendamento” e “proposta do *Agenda-Setting*”.

O *Agenda-Setting* se insere na tradição funcionalista dos estudos norte-americanos em comunicação, que tem como ponto nodal a análise e detecção das funções e dos efeitos causados pelos meios de comunicação sobre a audiência, tradição que é designada por alguns autores como *Mass Communication Research* (WOLF, 1999). Mas essa categorização não é consensual. Para discutir a filiação teórica, Colling (2001) se propõe a desatar o emaranhado acerca da posição do *Agenda-Setting* em relação à tradição norte-americana dos efeitos limitados, analisando os postulados de Traquina (2000), segundo o qual a teoria demonstra os efeitos poderosos da mídia da informação. Além disso, coloca-o em perspectiva com McCombs e Shaw, que preferem

enquadrá-lo como pertencendo à teoria dos efeitos indiretos ou limitados, igualmente da tradição funcionalista.

Em uma pesquisa realizada por Kênia Beatriz Ferreira Maia e Luciane Fassarella Agnez (2010), ao analisar a evolução das pesquisas sobre o *Agenda-Setting* no Brasil, avaliam que a teoria ganhou espaço nos anos 1990, especialmente com trabalhos publicados em Portugal ou por portugueses no Brasil, como o livro “Teorias da comunicação”, do italiano Mauro Wolf, e “Poder do Jornalismo” e “O estudo do jornalismo no século XX”, de Nelson Traquina.

Para as autoras, cada vez mais a teoria (por vezes tratada como hipótese, outras como conceito) é somada aos estudos relativos à rotina jornalística e à produção das notícias, o *newsmaking* e seus critérios de noticiabilidade, além de considerar o papel do *gatekeeper* e até mesmo a espiral do silêncio como reflexo do poder da imprensa em pautar ou calar determinados temas na sociedade (MAIA; AGNEZ, 2010).

Outro fato analisado pelas autoras são os referenciais utilizados nas pesquisas sobre *Agenda-Setting*. Menos da metade (44%) recorreram diretamente aos fundadores, trabalhando com os escritos de McCombs e Shaw. No caso dos artigos brasileiros selecionados neste levantamento, aproximadamente 60% se referenciam nos textos de autoria ou traduzidos por Nelson Traquina, 47% também citam Mauro Wolf em seu livro *Teorias da Comunicação*.

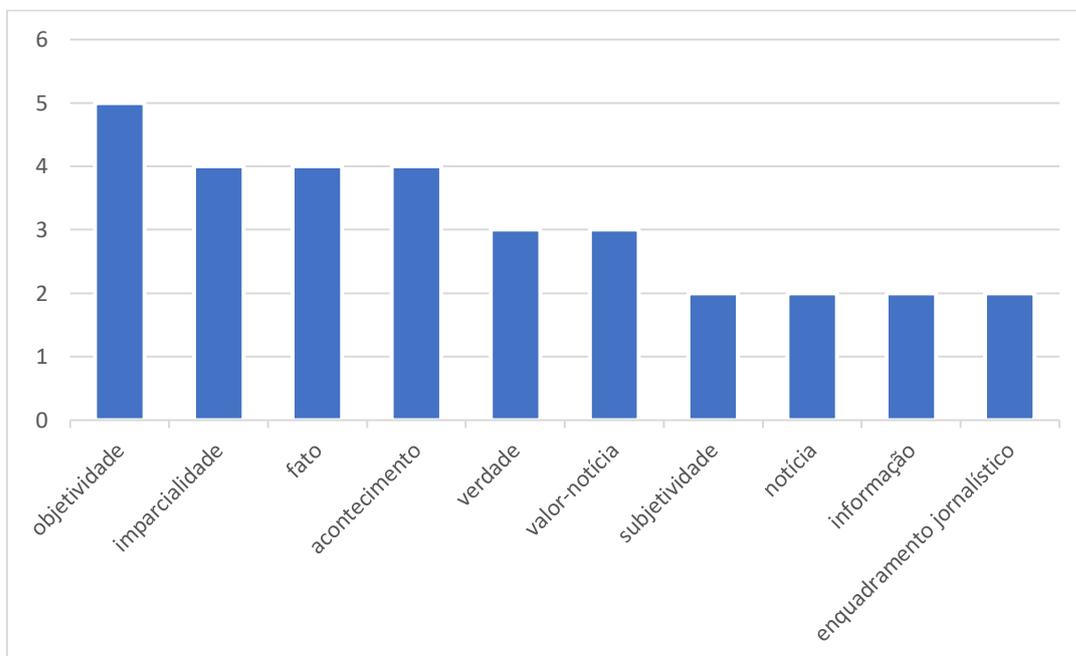
Ao analisar as bibliografias das disciplinas de Teorias do Jornalismo, vemos que a obra “A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública” de Maxwell McCombs é citada mais vezes nas bibliografias complementares da disciplina. E, em uma análise geral, a obra aparece 6 vezes, sendo uma das mais citadas, além da obra “Teorias da Comunicação” de Mauro Wolf. Já a obra “O estudo do jornalismo no século XX”, de Nelson Traquina, citada pelas pesquisadoras Maia e Agnez (2010) aparece apenas duas vezes nas bibliografias complementares.

A partir dessa análise, podemos observar que as teorias mais citadas entre as disciplinas correspondem com o que é encontrado nas bibliografias em obras não-originais, ou seja, por meio de autores que fazem a tradução e revisão dessas teorias. É o caso da Teoria do *Agenda-Setting*, quando observamos as bibliografias referente a teoria, encontramos seus principais difusores, como Mauro Wolf e Nelson Traquina

como um dos autores mais referenciados. Analisando a obra original de McCombs e Shaw, não é perceptível um grande número de referências nas bibliografias, apesar de aparecer algumas vezes nas bibliografias complementares.

Ainda no do que se refere às ementas, nota-se que o conceito que mais aparece é o de objetividade, citado em 5 ementas da UNIVALE, UNINOVE, UFRJ, UFS e UFPI, conforme pode ser observado no Gráfico 2.

GRÁFICO 4 - Conceitos mais citados nas ementas



Fonte: Ementas das disciplinas de Teorias do Jornalismo do *corpus* selecionado.

Luiz Amaral (1996) acreditava que a objetividade está esgotada como conceito ou, pelo menos, enfraqueceu. O autor assinala uma tendência em crescimento ao “interesse público”. No entanto, para Demeneck (2012), a leitura de clássicos do campo Jornalismo demonstra como a discussão sobre a verdade (e, por extensão, sobre objetividade) se mantém desde o início do periodismo até a atualidade. O que podemos comprovar através dessa análise, que tem como base a leitura ou releitura de clássicos do jornalismo.

Existem posições a favor de um relato aproximativamente verdadeiro, de acordo com critérios históricos, culturais e organizacionais (objetividade jornalística), que orientam entradas na teoria do conhecimento (objetividade do jornalismo), desde Tobias Peucer, que já tratava de relação da objetividade com o jornalismo (DEMENECK, 2012).

Para a efetividade da análise, escolheu-se substituir expressões pela palavra “objetividade”. Porém, nas ementas a palavra objetividade aparece relacionada a “objetividade jornalística”, “objetividade no jornalismo”, “objetividade como ritual estratégico” o “paradigma da objetividade” e “conceitos que delimitam o jornalismo”.

Outro recurso utilizado para ter uma visualização clara sobre o que mais se destaca nas ementas das disciplinas de Teorias do Jornalismo do recorte de 25 instituições espalhadas pelo Brasil, foi o software Iramuteq (CAMARGO; JUSTO, 2013) para realizar um tratamento qualiquantitativo aos dados que, depois de processados, foram analisados por meio da nuvem de palavras. A nuvem de palavras agrupa as palavras e as organiza graficamente em função da sua frequência. Cabe ressaltar que o software Iramuteq só faz registro das palavras que foram mencionadas pelo menos cinco vezes no corpus textual examinado (CAMARGO; JUSTO, 2013). Para formar a nuvem de palavras, foram codificados todos os textos das ementas na íntegra. A Imagem 1, a seguir, apresenta a nuvem de palavras gerada a partir das ementas selecionadas:

IMAGEM 1 – Análise de termos citados nas ementas



Fonte: Programa Iramutec.

As palavras mais recorrentes nas ementas aparecem em maior tamanho e centralizadas. Já as palavras com menor incidência aparecem na periferia da nuvem e com um tamanho menor. Pode-se observar que a palavra em destaque é “jornalismo”, outras palavras também aparecem em destaque como “teoria do jornalismo”, “conhecimento”, “teórico” e “objetividade”. A palavra conhecimento é relacionada ao Jornalismo como forma de conhecimento, jornalismo como campo de conhecimento, a natureza do conhecimento jornalístico, produção de conhecimento em jornalismo. Já teórico é ligada as abordagens teóricas e pensamento teórico nas ementas. É possível observar a palavra objetividade, sendo o conceito que mais apareceu nas ementas.

Nota-se que na nuvem de palavras não é possível observar de forma evidente os conceitos se destacando dentre outras palavras, como jornalismo, teorias do

jornalismo e jornalístico. Porém, é possível observar alguns conceitos, assim como algumas teorias, principalmente as duas mais citadas nas ementas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos também que das 25 instituições, 56% delas não citam ou fazem referências genéricas sobre as teorias abordadas. Isso pode ser resultado de fatores referentes a criação das ementas, como a indicação de ter um texto curto e com frases que resumam o conteúdo de uma disciplina. O que pode fazer com que professores optem por frases mais genéricas sobre o conteúdo proposto, já que são muitas teorias e conceitos que envolvem as teorias do jornalismo.

Porém, o resultado fica claro de que, ao analisar as disciplinas de teorias do jornalismo dos cursos de jornalismo no país não temos claro e não conseguimos definir quais são as teorias do jornalismo. E se não conseguimos definir este tópico em uma disciplina que deveria se propor a discutir sobre isso, onde devemos analisar então?

Esse resultado do fazer prático do jornalismo e aponta fragilidades em relação a teoria nos cursos. Ou, que mesmo que ainda haja discussões sobre teorias do jornalismo transversais às disciplinas, como nas disciplinas de deontologia, teorias da comunicação e dentro de disciplinas práticas -indagações que não puderam ser respondidas pela presente pesquisa-, as ementas ainda não trazem de maneira clara o que é estudado na disciplina e quais teorias pertencem ao estudo específico do jornalismo. Porém, mesmo com a impossibilidade do estudo, não exclui o fato de que dentro da própria disciplina não vemos um consenso de estudo sobre as Teorias do Jornalismo.

Assim, concluímos que a disciplina de Teorias do Jornalismo enfrenta desafios significativos em relação à sua representatividade, abordagem e escolha de teorias a serem estudadas. Para atender às necessidades de uma formação jornalística abrangente e adaptada às exigências contemporâneas, é necessário um reexame crítico dos programas acadêmicos, a fim de assegurar um equilíbrio adequado entre a prática e a teoria, bem como uma atualização constante para refletir a dinâmica do campo jornalístico em constante evolução.

Além da falta de citações de teorias nas ementas, vemos uma falta de consenso entre quais teorias fazem parte do jornalismo ou da comunicação. Há pouca recorrência de teorias referentes ao campo da comunicação já que os estudos definidos como teorias do jornalismo vieram de diversos campos do saber, como da filosofia e da ciência política, da sociologia (especialmente da sociologia do conhecimento), da *Communicatio Research* (principalmente da escola de Frankfurt) e dos estudos culturais.

5. REFERÊNCIAS

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 1996. Disponível em: <https://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf> Acesso em:16.jun.2023

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições, v. 70, p. 229, 1977.

DEMENECK, Ben-Hur. **Objetividade jornalística**: o debate contemporâneo do conceito. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis. 2012.

LÜDKE, Menga. ANDRE, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. - São Paulo: EPU, 1986.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAIA, Kênia Beatriz Ferreira; AGNEZ, Luciane Fassarella. **O agenda-setting no Brasil**: contradições entre o sucesso e os limites epistemológicos. In: E-compós. 2010.

MACHADO Marli; BLATTMANN Ursula. **A Biblioteca Universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação**. Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v.25, n.1, p.9-20, jan./jun. 2011

MELO, José Marques de. **O campo acadêmico da comunicação**: história concisa. (org.). Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras. São Paulo: Angellara, p. 13-30, 2006.

NISBET, Matthew C. **Agenda building**. The International Encyclopedia of Communication, 2008. Disponível em: <http://147.9.1.95/docs/agenda.pdf>. Acesso em:24.jun.2023

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PONTES, F. S. **Adelmo Genro Filho e a teoria do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2015.

SILVA, Gislene. **De que campo do jornalismo estamos falando?** Matrizes, v. 3, n. 1, p. 197-212, 2009.

TUCHMAN, Gaye. **Making news by doing work**: Routinizing the unexpected. American journal of Sociology, v. 79, n. 1, p. 110-131, 1978.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.